

TRABALHO EM TEMPO PARCIAL NO BRASIL: ESTRUTURA E EVOLUÇÃO

Marcela Carolina Siqueira COVOLO¹

Resumo: Esse estudo tem como objetivo analisar a participação do trabalho em tempo parcial no Brasil. Quando analisamos o Brasil como um todo, encontramos uma tendência crescente do trabalho em tempo parcial, de 1981 a 1996. Porém, após o controle de características pessoais e de características relevantes ao ramo de atividade, para toda amostra, essa tendência se mostra não significativa para algumas regiões e para outras decrescente. Isso indica que mudanças na composição demográfica e na composição setorial da economia, explica em grande parte o crescimento do trabalho em tempo parcial no Brasil.

Palavras-chave: Força de trabalho; mercado de trabalho; jornada parcial.

Introdução

No cenário mundial, cada vez mais, a literatura sobre mercado de trabalho vem indicando a consolidação de novas relações entre empregador-empregado. Mudanças na indústria, aumento da competitividade global e o avanço tecnológico são apontados, como fatores, que provêm ímpetus para mudanças na estrutura do emprego tradicional (SINDER, 1995). O emprego tradicional, pode ser definido a partir de características como: jornada de trabalho de 40 horas semanais; local de trabalho fixo e fora do domicílio do empregado, e salário e benefícios de acordo com a legislação trabalhista vigente. Contudo, uma série de

¹ Economista. Pesquisadora. Bolsista da FAPESP na FEAC/USP – CEP. 14040-030, Campus de Ribeirão Preto (SP).

arranjos de trabalho alternativos existem em qualquer sociedade, os quais podem ser considerados como emprego não-tradicional.

Segundo DANNER (1995) o conceito de emprego não tradicional deve incluir todos os arranjos de trabalho que não são consistentes com nossas idéias de sociedade industrial do final do século XIX e início do século XX. Para FERNANDES (1997) esses arranjos podem ser considerados como formas atípicas de trabalho. Em geral, as formas atípicas de trabalho incluem, trabalho temporário e com jornada parcial, trabalho doméstico, trabalho de rua, trabalhadores por conta-própria, trabalho informal, etc.²

Na literatura de mercado de trabalho, o crescimento de formas atípicas de trabalho vem sendo evidenciado por vários autores. Em especial, o crescimento do trabalho com jornada de tempo parcial.

A definição de jornada de tempo parcial é muito discutida em todo o mundo.³ No entanto, a que melhor se encaixa nesse trabalho, é a definição de jornada de trabalho inferior a 30 ou 35 horas semanais.

Atualmente, o trabalho com jornada de tempo parcial representa uma parcela crescente do emprego na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. De acordo com SINDER (1995), nos Estados Unidos, existiam 10,8 milhões de trabalhadores com jornada de tempo parcial em 1969, porém em 1993 esse número passou para 20,7 milhões, ou seja, um aumento de 91,7%. Em proporção ao total da força de trabalho, o trabalho com jornada de tempo parcial tem crescido nos anos 80. Conforme HOUSEMAN, na Alemanha, o trabalho com jornada reduzida representava cerca de 13,3% do total da força de trabalho, em 1987 e em 1991 passou a 15,5%. No mesmo período, houve no Japão um crescimento de 14,2% para 16,1% (1995).

² Classificação de formas atípicas de trabalho, Rodgers, 1989, apud Fernandes, 1995.

³ Nos Estados Unidos e na Alemanha a jornada de tempo parcial é inferior a 35 horas semanais. Na França, não ultrapassa a 39 horas e no Reino Unido é inferior a 30 horas. (Houseman, 1995).

Estudos recentes sobre o assunto, discorrem sobre o crescimento desse fenômeno nos países desenvolvidos. Alguns analistas tem apontado como uma das principais razões do crescimento do trabalho com jornada de tempo parcial, o aumento da participação feminina na força de trabalho. Devido a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa, as mulheres preferem empregos com jornadas reduzidas. Assim, com o aumento da taxa de participação feminina na força de trabalho, haverá, provavelmente, um aumento na oferta de pessoas procurando por emprego com jornada reduzida relativo a oferta de pessoas procurando por emprego com jornada normal (HOUSEMAN, 1995).

A taxa de participação feminina na força de trabalho tem aumentado em todos os países desenvolvidos. Por exemplo, de 1970 para 1990, a taxa de participação feminina cresceu de 43% para 58% nos Estados Unidos; de 39% para 43% na Alemanha; de 40% para 46% na França e de 42% para 53% na Inglaterra (HOUSEMAN, 1995). Embora, o aumento da participação feminina seja uma das principais razões para o crescimento do trabalho com jornada de tempo parcial, existem outras razões que estão intimamente ligadas a composição desses trabalhadores.

Em diferentes países, estudos realizados mostram que os trabalhadores com jornada de tempo parcial não é um grupo homogêneo. Enquanto que a grande maioria são mulheres, principalmente mulheres casadas; uma grande porcentagem abrange jovens, na faixa de 16-17 anos de idade; e velhos, de 65 anos ou mais. Segundo SINDER (1995) em 1992 dos 2,9 milhões de empregados na faixa de 16-17 anos de idade, 84,4% eram trabalhadores com jornada de tempo parcial; e os empregados com 65 anos ou mais, dos 4,6 milhões existente, 56,3% eram trabalhadores com jornada de tempo parcial. Em relação as mulheres, o mesmo estudo mostra que cerca de 90% desses trabalhadores na Alemanha e na França, eram mulheres. No Japão e na Inglaterra esse número chega a 80%. Porém, nos Estados Unidos, a parcela feminina é bem menor, correspondente a 65% do total.

Outro fator importante é a preferência dos jovens por jornadas de trabalho reduzidas. Isso ocorre devido a necessidade de conciliar os estudos com o trabalho. Esse fato está mais presente nos Estados Unidos, onde muitos estudantes americanos, tanto homens quanto mulheres, trabalham em postos de trabalho com jornada de tempo parcial (HOUSEMAN, 1995).

No entanto, mudanças estruturais ocorridas na economia, em particular o declínio da manufatura e o crescimento dos serviços, vem também, se tornando um incentivo ao aumento do trabalho com jornada de tempo parcial (BASSI, 1995). Segundo suplemento de março de 1993 da CPS (Survey Population Current), os primeiros empregadores dos trabalhadores com jornada de tempo parcial foram os serviços industriais, indicando 60% de todos os trabalhadores nessa situação. Desse total, 41,2% trabalhavam no mercado varejista e 5,8% na manufatura. Isso reflete o argumento, de que muitas posições no setor varejista e de manufatura requerem somente habilidade e aprendizado que podem ser facilmente transferidos; portanto não é crucial contratar trabalhadores especializados para essa áreas (SINDER, 1995).

Segundo HOUSEMAN (1995), em países da Europa e nos Estados Unidos, muito do crescimento da parcela de emprego no setor de serviços é decorrente do declínio do emprego na indústria, e assim a mudança na composição setorial do emprego explica, pelo menos, em parte, o crescimento desse tipo de trabalho nesses países.

No Brasil, alguns estudos tentam delinear o perfil do trabalho com jornada de tempo parcial. De acordo com essas pesquisas, o Brasil não escapa do padrão internacional. A participação de postos de trabalho com jornada de tempo parcial aumentou 48,4% entre 1980 e 1990. Outra tendência é a participação feminina nesses postos de trabalho. O mesmo estudo aponta que, para a cidade de São Paulo, a taxa de trabalho com jornada de tempo parcial era 3,6 vezes maior entre as mulheres do que entre os homens. Esses dados podem ser

explicados pelo aumento da taxa de participação feminina de 32,9% para 39,2%, entre 1981 e 1990 (FERNANDES, 1995).

Para FERNANDES (1995), as estatísticas brasileiras não permite uma distinção nítida entre força de trabalho com jornada parcial voluntária ou involuntária. Porém, o crescimento de homens que trabalham menos que 40 horas por semana pode ser uma evidência do crescimento da força de trabalho com jornada parcial involuntária.

Contudo o trabalho com jornada de tempo parcial, tem sido pouco estudado no Brasil. Na Europa e nos Estados Unidos, os estudos quantitativos estão bem avançados. O objetivo desse trabalho é justamente avançar sobre esse assunto. Na seção II, identificamos as principais características dos trabalhadores em postos de trabalho com jornadas parciais e a evolução desse trabalho no Brasil. Na seção III analisamos se há uma tendência de crescimento do trabalho em tempo parcial no Brasil, como há em outros países.

1. Evolução do trabalho em tempo parcial no Brasil

1.1 Preliminares Empíricos

A fonte de informações utilizada neste estudo é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). A PNAD é uma pesquisa elaborada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), baseada em uma amostra probabilística de domicílios. Foram selecionados os anos de 1981 a 1996, com exceção de 1991 e 1994, pois não foi realizada a pesquisa nesses anos.

Neste estudo foi utilizada uma sub-amostra da PNAD. Essa sub-amostra é constituída por indivíduos que:

- a) sejam residentes em uma das nove regiões metropolitanas do país, com exceção de Brasília;
- b) sejam residentes somente em áreas urbanas;
- c) possuam 15 anos de idade ou mais;

- d) tenham renda positiva;
- e) trabalhavam ou haviam trabalhado na semana de referência;
- f) não declararam trabalhar em ocupações agrícolas e/ou agropecuárias e outras atípicas dos centros urbanos;

Considerando o critério acima, a amostra selecionada contou com 65.578 indivíduos em 1981, 69.731 em 1982, 68.643 em 1983, 71.844 em 1984, 75.370 em 1985, 40.655 em 1986, 42.183 em 1987, 41.902 em 1988, 42.977 em 1989, 43.124 em 1990, 42.223 em 1992, 43.433 em 1993, 47.008 em 1995 e 45.691 em 1996.

A variável de interesse nesse estudo é a jornada de trabalho. Para verificar se o indivíduo trabalha com jornada de tempo parcial analisamos a variável horas trabalhadas semanalmente no trabalho principal. A partir dessa análise, classificamos como jornada de tempo parcial, aquela igual ou inferior a 30 horas semanais no trabalho principal.

As variáveis utilizadas para investigar as características dos indivíduos desse grupo foram as seguintes: gênero, idade, anos de estudo, condição na família e ramo de atividade da ocupação principal.

1.2 Evolução e características do trabalho com tempo parcial

O crescimento do trabalho com jornada de tempo parcial está presente no Brasil. A taxa de trabalhadores que trabalham menos que trinta horas semanais, aumentou de 13,9% em 1981, para 17,2 % em 1996, um aumento significativo de aproximadamente 24% da população ocupada. A tabela 1 mostra o crescimento da participação dos trabalhadores no trabalho com jornada de tempo parcial.

TABELA 1: Participação dos trabalhadores com jornada de trabalho inferior a 30 horas semanais (em %).

Anos	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
1981	7,2	25,3	13,9
1982	7,1	26,6	14,3
1983	7,6	26,5	14,7
1984	8	27,5	15,2
1985	7,8	27,1	15,2
1986	8,2	26,7	15,4
1987	8,5	29,3	16,7
1988	9,9	29,9	17,9
1989	9,7	28,8	17,2
1990	9,7	29,8	17,7
1992	8,6	28,3	16,5
1993	9,6	28,7	17,3
1995	9	28,5	17,1
1996	9,9	27,2	17,2

Fonte: IBGE

Em todo o mundo, o aumento do trabalho com jornada de tempo parcial é explicado, em grande parte, pelo aumento da taxa de participação feminina na força total de trabalho. Na tabela 1, é possível observar que, para uma média do período analisado, a taxa de participação do trabalho com jornada de tempo parcial é 3,23 maior entre as mulheres do que entre os homens. No entanto, é importante destacar que houve um crescimento significativo na participação de empregos com jornada de tempo parcial para ambos. De 1981 a 1996, a taxa de participação do trabalho em tempo parcial no total da força de trabalho cresceu 37,5 % para os homens enquanto que para as mulheres o aumento foi de 7,5 %. Consequentemente, outros fatores deve influenciar o comportamento do emprego com jornada de tempo parcial nos últimos anos.

No Brasil, também podemos explicar, em parte, o crescimento do trabalho com jornada de tempo parcial através do aumento da taxa da participação feminina na força total de trabalho. A tabela 2 apresenta a taxa de participação de trabalhadores na força total de trabalho, por gênero.

TABELA 2: Taxa de participação de trabalhadores na força total de trabalho, por gênero

Gê	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1992	1993	1995	1996
Masc.	63,3	63	62,4	62,1	61,8	61	60,7	60,3	60,4	60	59,6	59,2	57,9	57,9
Fem.	36,7	37	37,6	37,9	38,2	39	39,3	39,7	39,6	40	40,4	40,8	42,1	42,1
	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE

No mercado de trabalho, a participação feminina aumentou em 14,1 % no período analisado. As mulheres, devido a necessidade de cuidar da casa e dos filhos, preferem trabalhar com jornadas menores. No caso do Brasil, isso ocorre similarmente aos países desenvolvidos.

Em pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa, há um consenso quanto a composição dos trabalhadores com jornada de tempo parcial. Esse grupo de trabalhadores não apresenta uma composição homogênea. Em relação à idade, a maioria são jovens, entre 15 e 20 anos, e velhos de 60 anos ou mais. No Brasil, a tabela 3 apresenta os grupos de idade em que se encontram os trabalhadores com jornada de tempo parcial.

TABELA 3: Distribuição dos trabalhadores com jornada de tempo parcial segundo idade (em %).

Idade	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1992	1993	1995	1996
15 a 24	11,6	12,2	12,9	14	13,5	13,4	15	15,6	14,6	15,9	15	15,1	16,6	16,4
25 a 34	13,2	13,7	13,2	14,1	14,2	14,6	15,8	17	16,7	17,3	15,7	16,2	15,5	15,6
35 a 44	14,3	14,6	14,7	15,3	15,4	15,7	16,6	17,8	17,4	17,9	16,3	17,2	16,2	16,1
45 a 55	15,9	16,1	16,2	17,5	16,5	17,2	18,3	20	18,6	18,3	17	19	18,4	19,5
> 55	22,2	23,1	23,3	24,5	24,5	24,3	25,7	26,5	26,4	25,4	24,9	27,6	26,7	25,1

Fonte: IBGE

Segundo os dados observados, o trabalho com jornada de tempo parcial cresceu entre todas as faixas etárias. Porém, há uma predominância de indivíduos com idade avançada (> 55 anos), e um forte crescimento no número de jovens que trabalham com tempo parcial. De 1981 a 1996, o número de jovens cresceu 41,38 %. Isso indica que estudantes brasileiros, assim como norte-americanos e japoneses, preferem trabalhar com jornada parcial devido a necessidade de conciliar os estudos com o trabalho. No entanto, não podemos

ignorar o crescimento do número de indivíduos adultos que trabalham com jornada parcial, na faixa etária de 45 a 55 anos. Esse crescimento foi bem significativo, sendo de 22,64 %. Esse dado tem refletido as atuais taxas de desemprego no país, e também tendência do mercado de trabalho em relação a contratação de pessoas cada vez mais jovens, que vem a impor aos indivíduos nessa faixa etária a procura por postos de empregos precários e não-tradicionais.

De acordo com a tabela 4, o crescimento do chefe de família que trabalha com jornada parcial, foi de 43,52 %. Dentre os trabalhadores com jornada de tempo parcial de 45 a 54 anos, 50,39 % são chefes de família. E dentre os chefes de família 57,76 % são homens. Com isso, podemos explicar, em parte, crescimento de 37,5 % da mão-de-obra masculina que trabalha com jornada de tempo inferior a 30 horas semanais.

TABELA 4: Distribuição dos trabalhadores com jornada de tempo parcial, segundo a condição na família (em %).

Condição	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1992	1993	1995	1996
Chefe	8,5	8,6	8,7	9,3	9,1	9,5	10,2	12	11,7	11,7	10,8	12	11,2	12,2
Cônjuge	36,7	37,5	35,9	37,1	36,3	35,6	37,9	37,4	36,3	36,6	33,4	33,3	33,4	30,2
Filho	12,9	13,6	14,1	15,1	15,4	14,9	16,7	17,2	16,2	17,2	16,9	17,4	17,4	17,5
Outro parente	12,6	12,6	13,5	16,4	14,6	13,8	16,1	16,3	16,1	17,6	14,6	16,5	16,2	16,9
Agregado	13,8	10	17,5	16,9	11,6	15,4	13,3	19,3	17,4	9,4	14,1	13,9	15,7	18
Pensionista	9,8	11,8	14,6	16,6	13,2	17	11	14,4	17,6	16,5	18,6	12,8	19,8	21,1
Empregado	6,3	4,8	3,6	2,9	2	4,1	5,2	7,1	6,7	7,4	2,8	5,5	4,6	4,7

Fonte: IBGE

Contudo, o cônjuge não apresenta crescimento no período, porém constitui a maior participação dos trabalhadores no trabalho com jornada de tempo parcial, sendo na média do período, 3,54 maior do que entre os chefes de família. Ainda dentre os cônjuges que trabalham com jornada de tempo parcial, 99,35 % são mulheres. Portanto, a composição dos trabalhadores com jornada de tempo parcial continua tendo como o maior grupo representativo as mulheres casadas.

A tabela 5 mostra a participação dos trabalhadores no trabalho com jornada de tempo parcial segundo grupos de escolaridade.

TABELA 5: Participação de trabalhadores com jornada de tempo parcial por anos de estudo (em %).

Anos	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1992	1993	1995	1996
0	15,4	16	16,6	16,8	15,9	14,9	17,2	18,1	16,1	18	16,9	17,9	18,3	16,9
1 a 7	10,6	11,2	10,9	11,5	11,3	11,5	12,6	13,7	12,8	13,4	13,4	13,9	14,3	14,4
8	10,3	10,3	10,6	11,7	11,2	11,5	12,8	14	13,6	13,6	12,8	12,9	12,9	13,7
9 a 10	13,4	13,9	14,4	15,5	15,3	16,5	16,5	17,8	18,5	18,3	15,4	15,8	17,5	18
11	17,8	17,7	17,7	18,9	18,6	19,4	20,1	21,6	21,1	21,4	18,5	19,2	17,6	16,9
12 a 16	27,5	29	29,3	30,1	30,2	31,2	33,3	30,6	32,7	31,6	29,3	33,2	30,4	28,4
17	25,7	25,4	26,2	27,3	27,9	27,3	29,7	29,7	29,7	29,6	26,6	28,9	27,3	27,5

Fonte: IBGE

Em relação ao nível de escolaridade, houve um crescimento do trabalho em tempo parcial em todos os grupos, com exceção do segundo grau completo que houve uma queda no período de 5%. O patamar de crescimento mais alto é de 35,84 % ao longo do período e se localiza no grupo de 1 a 7 anos de estudo, ou seja, primeiro grau incompleto. Esse dado demonstra que há um certo nível de precariedade no trabalho com tempo parcial. A mão-de-obra empregada no trabalho com tempo parcial tende a ser de baixa qualificação ao longo dos anos. Assim, os postos de trabalho que apresentam jornada de tempo parcial, tendem a ser precários e de baixa qualidade.

Outra razão abordada nos estudos feitos nos Estados Unidos e na Europa, avalia o crescimento do trabalho com jornada de tempo parcial, através das mudanças recentes ocorridas na economia mundial. O declínio do emprego na indústria e o crescimento do setor de serviços, indicam um aumento no emprego com jornada de tempo parcial.

No Brasil, a mudança da composição setorial do emprego, também explica, em parte, o crescimento desse tipo de trabalho.

TABELA 6: Participação dos trabalhadores no trabalho com jornada de tempo parcial, por ramo de atividade (em %).

Ramo Ativ.	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1992	1993	1995	1996
Ind. Transf.	3,6	3,6	3,3	4,1	3,6	3,5	3,7	5,1	4,5	5	5,8	5,8	5,5	6,1
Ind. Constr.	3,2	3,1	4,2	3,7	2,7	2,7	3,7	4,5	3,9	3,3	3,6	4,8	3,4	5,5
Outras Ativ.	4,1	3,4	3,3	3,7	4,2	4,9	5,4	5,5	6,4	6,1	5,6	6,2	6,7	6,2
Comércio orias	10,5	11,2	9,7	11,1	10,8	12,3	12,2	14,2	12,7	14,8	13,8	14,9	15,3	14,2
Prest. Serv.	20,6	21,5	20,4	20,4	19,7	19,9	21,3	23	21,9	22,2	20,7	21,2	20,9	20,7
Serv. Aux.	15,7	15,4	16,1	14,7	14,7	16,1	17,9	20	19	18,2	14,9	17,6	18,7	17,8
Transporte	4,7	4	3,8	3,8	4	3,9	4,5	5,4	5,2	5,9	5,7	5,4	5,3	6,3
Social	35,9	36,9	37,3	40,7	41,3	39,8	43,9	42,2	42	42	38,1	38,8	37,6	36,1
Adm. Pública	17,7	18,2	16,3	18,5	20,4	21,8	22,7	22,8	26	25,2	22,7	24,7	22,5	23,1
Outras	20	19,3	23,8	24,3	24	28,3	30,2	31,3	30,6	29	25,9	28,9	24,1	22,5

Fonte: IBGE

Conforme os dados da tabela 6, o trabalho com jornada de tempo parcial, teve crescimento significativo no setor industrial (transformação, construção e outras atividades industriais). Na indústria de transformação houve um aumento de 69,44 %, na indústria de construção de 71,80 % e nas demais atividade industriais o aumento chegou a 51,22 %. A contratação de trabalhadores com jornada parcial, demonstra a necessidade das indústrias de atenderem o cliente durante a noite ou nos fins-de-semana.

No entanto, os trabalhadores com jornada de tempo parcial vem crescendo também em outros setores. Passaram de 10,5 % em 1981 para 14,2 % em 1996, ou seja um aumento de 35,24 %, no comércio. No setor de transporte e comunicações o crescimento foi de 34,04 % e na administração pública de 31,01 %.

Devido a queda de empregos no setor industrial, cada vez mais os trabalhadores se movem para setores como o de prestação de serviços, comércio de mercadorias e transporte e comunicação. A atual mudança da composição setorial ajuda a explicar o trabalho com jornada de tempo parcial. Apesar de não haver crescimento no setor de prestação de serviços, nos anos estudados, a maior porção desses trabalhadores se encontram nesse setor.

2. Tendência da participação do trabalho em tempo parcial no Brasil, de 1981 a 1996.

Em todo o mundo, a literatura especializada em economia do trabalho considera o trabalho em tempo parcial uma tendência, resultante das mudanças no emprego e na economia atual. No Brasil, essa tendência se confirma somente para algumas regiões metropolitanas.

Para testar se o crescimento do trabalho em tempo parcial pode ser explicado por mudanças na composição demográfica da população e/ou por mudanças na composição setorial no emprego, ou ainda, se tal crescimento reflete um aumento na probabilidade de ser empregado em tempo parcial para indivíduos com determinadas características pessoais e no mesmo ramo de atividade, dois modelos *logit* foram estimados.

Esses modelos possuem a seguinte especificação:

$$PR_i = \frac{1}{1 + e^{-Z_i}}$$

sendo PR_i a probabilidade de um indivíduo i trabalhar em tempo parcial e Z_i um índice-não observável, determinado por um conjunto de variáveis explicativas. No primeiro modelo, Z_i foi definido como:

$$Z_{i1} = \alpha + \beta_1 Chefe + \beta_2 Conjuge + \beta_3 Educa + \beta_4 Homem + \beta_5 Idade + \beta_6 Idade^2 + \beta_7 Tempo$$

Onde: *Chefe* = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 quando o indivíduo for chefe de família;

Cônjuge = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 quando o indivíduo for cônjuge;

Educa = anos de estudo do indivíduo;

Homem = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 quando o indivíduo for homem;

Idade = idade do indivíduo;

Idade2 = quadrado da idade; e

Tempo = variável que assume valores de 1 a 16 para classificar os anos analisados.

No segundo modelo considera-se:

$$Z_{i2} = \alpha + \beta_1 \text{Chefe} + \beta_2 \text{Conjuge} + \beta_3 \text{Educa} + \beta_4 \text{Homem} + \beta_5 \text{Idade} + \beta_6 \text{Idade2} + \beta_7 \text{Tempo} + \beta_8 \text{Comércio} + \beta_9 \text{Ind_cons} + \beta_{10} \text{Ind_Trans} + \beta_{11} \text{Pres_ser} + \beta_{12} \text{Social}$$

\

Onde: *Comércio* = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 se o indivíduo trabalhar no comércio;

Ind_cons = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 se o indivíduo trabalhar na indústria de construção;

Ind_trans = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 se o indivíduo trabalhar na indústria de transformação;

Pres_serv = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 se o indivíduo trabalhar em prestação de serviço;

Social = variável *dummy*, que assume valor igual a 1 se o indivíduo trabalhar na área social;

Assim, no primeiro modelo a probabilidade de ser um trabalhador em tempo parcial foi controlada apenas por características pessoais do indivíduo, enquanto que no segundo controlou-se também o ramo de atividade.

A variável ramo de atividade foi reformulada, sendo considerada somente os ramos de atividade relevantes para o nosso estudo (comércio, indústria de

construção, indústria de transformação, prestação de serviços e social), os demais foram reagrupados como outros.

Na variável condição na família, foi considerada duas posições (cônjuge e chefe), as demais classificações forma reagrupadas como outros.

Em relação à variável tempo, utilizamos a seguinte classificação: os anos de 1981 a 1996 foram classificados através dos números 1 a 16.

Por fim, dois modelos *logit* foram estimados para cada região metropolitana e devido a não-linearidade do modelo, o método de estimação realizado foi o de máxima verossimilhança.

Analisando os resultados, encontramos que os coeficientes das variáveis explicativas referente as características pessoais, mantiveram os sinais e foram significativos a 5% para todas regiões metropolitanas.

Primeiro, o fato do coeficiente Chefe ser negativo e do coeficiente Cônjuge ser positivo, indica que a probabilidade do indivíduo trabalhar em tempo parcial diminui entre os chefes de família e aumenta entre os cônjuges, isto em relação aos demais membros da família.

Segundo, o coeficiente Educa positivo indica que a probabilidade de um indivíduo trabalhar em tempo parcial cresce com os anos de estudo.

Terceiro, a probabilidade do indivíduo trabalhar em tempo parcial é maior entre as mulheres, pois o coeficiente Homem se apresenta negativo.

E por último, o fato do coeficiente Idade ser positivo e do coeficiente Idade2 ser negativo indica que a probabilidade de um indivíduo trabalhar em tempo parcial é inicialmente crescente com a idade, atinge um máximo e, a partir daí, começa a decrescer.

A hipótese que, mudanças setoriais na economia vem influenciando o comportamento do trabalho em tempo parcial, é corroborada pelos resultados. Em todas regiões metropolitanas, o coeficiente Ind_Cons e Ind_Trans apresentam sinal negativo, ou seja, a probabilidade do indivíduo trabalhar em tempo parcial decresce no ramo industrial. O coeficiente Comércio também

apresenta sinal negativo e para a região metropolitana do Rio de Janeiro, esse coeficiente não apresentou significância ao nível de 5%.

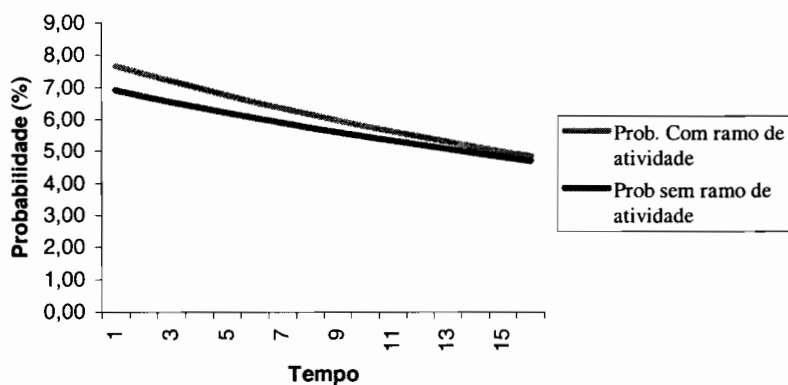
Para as regiões de Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, a probabilidade do indivíduo trabalhar em tempo parcial cresce no ramo de prestação de serviços, devido ao sinal positivo desse coeficiente. Enquanto que para as outras regiões a probabilidade decresce nesse ramo de atividade.

Assim, o declínio do emprego no setor industrial e o aumento do mesmo no setor de prestação de serviços, tem influenciado positivamente a participação do trabalho em tempo parcial no Brasil, pelo menos para as regiões metropolitanas.

Em relação a tendência da participação dos trabalhadores em tempo parcial ao longo dos anos, iremos analisar o coeficiente Tempo. Para algumas regiões (Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza e Porto Alegre); não foi possível rejeitar a hipótese de que não existe tendência do trabalho em tempo parcial, pois o coeficiente Tempo não foi significativo ao nível de 5%. Para compararmos a participação do trabalho em tempo parcial entre as regiões que apresentaram coeficientes significativos, utilizamos o indivíduo médio da amostra total, e verificamos o efeito tempo em sua probabilidade de ser um trabalhador em tempo parcial.

As regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife e Salvador, apresentaram uma queda na probabilidade da participação do trabalho em tempo parcial ao longo desse anos. Analisando a região metropolitana de Belém, encontramos uma queda de 32% na probabilidade do indivíduo médio trabalhar em tempo parcial, no período de 1981 a 1996. Essa tendência de queda se mantém quando são controlados os ramos de atividade.

Gráfico 1: Tendência da participação do trabalho em tempo parcial na região metropolitana de Belém



Na região metropolitana de Salvador, a probabilidade do mesmo indivíduo trabalhar em tempo parcial também está diminuindo. No período de 1981 a 1996, a queda foi de 17%.

Gráfico 2: Tendência da participação do trabalho em tempo parcial para a região metropolitana de Salvador

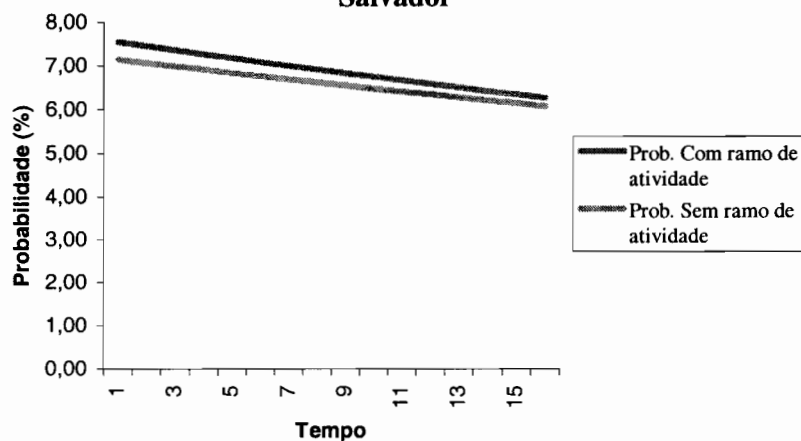
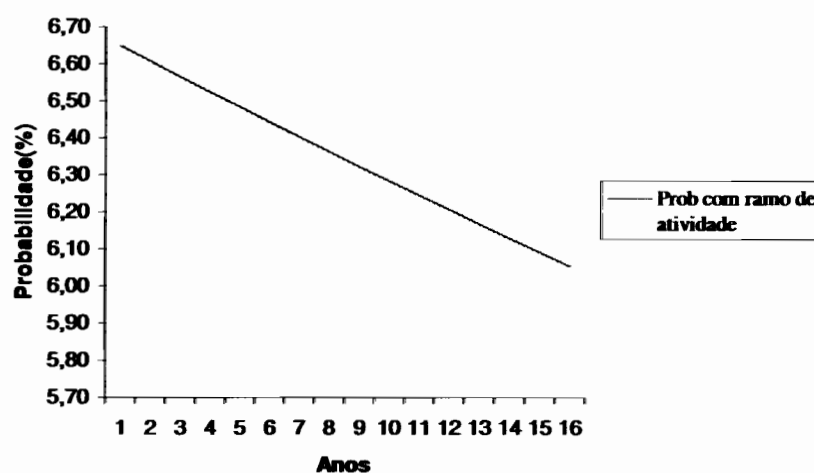
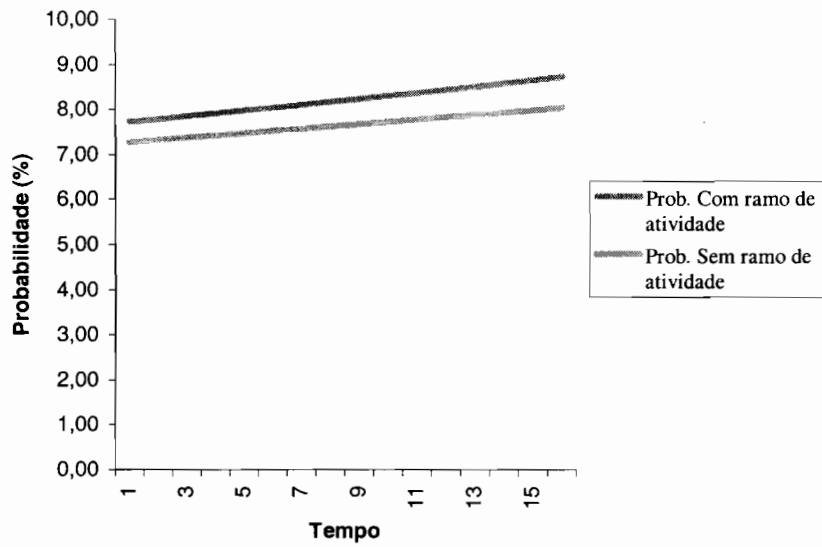


Gráfico 3: Tendência do trabalho em tempo parcial na região metropolitana de Fortaleza



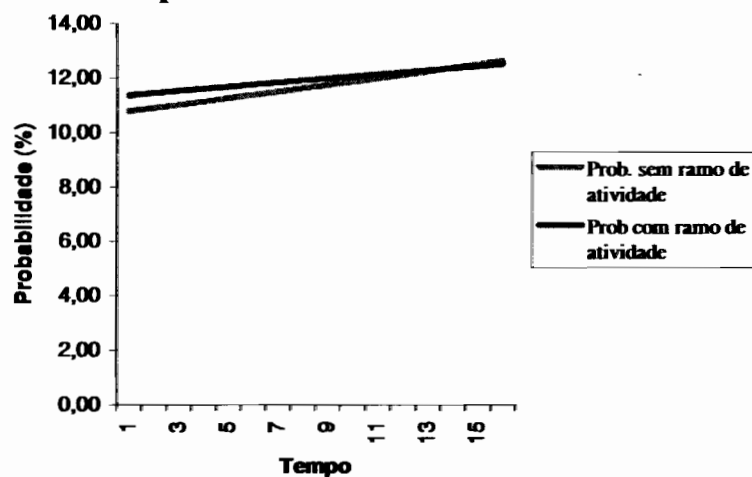
Já em Fortaleza, a probabilidade de trabalhar em tempo parcial foi analisada somente com características pessoais mais características com ramo de atividade, que apresentou uma queda de 9% na probabilidade do indivíduo trabalhar em tempo parcial. A opção sem ramo de atividade não foi possível ser analisada, pois, neste caso, o coeficiente tempo não foi significativo.

Gráfico 4: Tendência da participação do trabalho em tempo parcial para a região metropolitana do Rio de Janeiro



As regiões que apresentaram tendência de crescimento da participação do trabalho em tempo parcial, foram São Paulo e Rio de Janeiro.

Gráfico 5: Tendência da participação do trabalho em tempo parcial para a região metropolitana de São Paulo



Em São Paulo, o crescimento foi de 17% e no Rio de Janeiro de 13%. Para essas regiões, além do crescimento, a probabilidade de trabalhar em tempo parcial é maior do que em outras regiões analisadas. Em São Paulo, a probabilidade de um indivíduo médio da amostra trabalhar em tempo parcial gira em torno de 10%, enquanto que em outras regiões essa probabilidade não passa de 8%.

Outro diferencial das regiões de São Paulo e Rio de Janeiro é a influência positiva dos ramos de prestação de serviços e social na probabilidade de trabalhar em tempo parcial.

Contudo, para essas regiões, a hipótese de que mudanças no emprego e na economia estão favorecendo crescimento do trabalho em tempo parcial, é válida.

Conclusão

Nesse estudo, procuramos analisar a estrutura e evolução do trabalho em tempo parcial no Brasil. O período analisado consistiu nos anos de 1981 a 1996.

Analisando o Brasil como um todo, consideramos que houve uma tendência de aumento do trabalho em tempo parcial de 24%. Entretanto, essa proporção varia sensivelmente para grupos específicos da sociedade.

Na seção III, tentamos investigar se essa tendência decorre de um aumento de grupos mais propensos a trabalhar em tempo parcial na população, e também se ramos de atividade que tem maior propensão a contratar empregados com jornada de tempo parcial, tem uma maior participação no total de empregos. Para isso, controlamos as características referentes ao indivíduo e aquelas referentes ao ramo de atividade.

Assim, utilizamos dois modelos *logit* para cada região metropolitana. No primeiro modelo controlamos as características pessoais e no segundo controlou-se também as características referentes ao ramo de atividade. Não houve diferença relevante entre os dois modelos na tendência do trabalho em tempo parcial, ou seja, controlando somente as características pessoais dos indivíduos, já conseguimos explicar a tendência do trabalho em tempo parcial no país.

Após o controle das características, não foi possível rejeitar a hipótese de que não existe uma tendência do trabalho em tempo parcial para as regiões metropolitanas de Curitiba, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Já as regiões de Belém, Fortaleza, Recife e Salvador apresentaram uma tendência de queda no trabalho em tempo parcial de 1981 a 1996. E, por fim, somente as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro apresentaram uma tendência de aumento; porém pouco significativa, girando em torno de 0,6% ao ano.

Portanto, o crescimento do trabalho em tempo parcial decorre fundamentalmente do aumento de certos grupos na composição demográfica,

como por exemplo, o aumento das mulheres, dos jovens e dos idosos no total da população ocupada; em parte, de mudanças na composição setorial da economia, como por exemplo, o deslocamento do emprego do setor industrial para o setor de serviços.

COVOLO, Marcela Carolina Siqueira. Part-time work in Brazil: structure and evolution. **Economia & Pesquisa**, Araçatuba, v.2, n.2, p.35-56, Mar. 2000.

Abstract: This study aims at analysing the participation of part-time work in Brazil. When we analyse Brazil as a whole we notice a growing trend of part time work, from 1981 to 1996. However, after the control of personal characteristics and others relevant to the line of activities, for every sample, this trend is shown not meaningful to some regions and decreasing to others. This indicates that changes in the demographic composition and in the sectorial composition of Economics Largely Explain the growth of part-time work in Brazil.

KeyWords: Work force; labor market; work part-time.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSI, L. J. Policy implications of part-time employment. **Journal of Labor Research**, v. 16, n. 3, 1995.

DANNER, D. Part-time employment and employees: introduction. **Journal of Labor Research**, v. 16, n. 3, 1995.

FERNANDES, R. **Atypical jobs: some evidences for Brazil**. Structural transformation in Latin American and Europe. Learning from each other's experience. Córdoba: Eudecor, 1997.

GALLAWAY, L. Public policy and part-time employment. **Journal of Labor Research**, v. 16, n. 3, 1995.

- HOUSEMAN, S. N. Part-time employment in Europe and Japan. **Journal of Labor Research**, v. 16, n. 3, 1995.
- NARDONE, T. Part-time employment: reasons, demographics and trends. **Journal of Labor Research**, v. 16, n. 3, 1995.
- SINDER, S. Characteristics of the part-time work force and part-time employee participation in health and pensions benefits. **Journal of Labor Research**, v. 16, n. 3, 1995.